

A Pandemia da COVID-19 e a (Hiper)Globalização nas periferias do sistema económico mundial

Maria José Vieira

Laboratório de Paisagens, Património e Território,
Departamento de Geografia, Universidade do Minho,
Braga, Portugal.

d8576@geografia.uminho.pt

maria.jose.geografia@gmail.com

Resumo

Emergiu da Pandemia da COVID-19 uma crise social e económica que transformou a humanidade. Esta associada à Globalização (Hiperglobalização) acarreta implicações para as periferias (os espaços opacos) do sistema global capitalista. O que faz com que sejam concomitantemente alvos da precariedade económica e da injustiça social e de saúde, uma vez que nas periferias existe uma incipiente capilaridade espacial de sistemas de saúde. O objetivo deste artigo é relacionar a COVID-19 e a globalização, com as implicações que, ambas provocam nas periferias do sistema económico mundial. A pesquisa de *dashboards*, artigos e livros, permitiu concluir que o acesso ao capital e a cuidados de saúde é cada vez mais desigual, num mundo globalizado.

Palavras-chave: COVID-19; periferias; Globalização; Pandemia.

Introdução

A pandemia da COVID-19 fez emergir uma crise social e económica, que se instalou rapidamente por todo o globo.

Para a Organização Mundial da Saúde (O.M.S.) a pandemia, significa que, abrange todas as regiões do globo (2020). As consequências são sentidas no aumento de surtos desde o ano de 2020, e no combalido sistema de saúde, mas também em todos as economias, sobretudo as que evidenciam circuitos produtivos precários e dependentes, do sistema capitalista globalizado.

O avanço do vírus sobre as sociedades expõe os problemas que já estavam instaurados nestas. Neste artigo dá-se maior importância aos problemas económicos existentes em algumas das periferias do sistema capitalista global.

A globalização atual consiste num conjunto de processos de intensificação de movimentos das pessoas, de bens e serviços, de mercadorias, de capitais e de formas culturais, distante geograficamente, e que criam

interconexões de interdependência, entre o centro e a periferia global.

A propagação do vírus da SARS-CoV-2 pelo mundo evidencia esta interconexão proveniente da Hiper mobilidade e hiper globalização das pessoas e das empresas transnacionais. A deslocalização da produção, efetuada pelo Norte Global gera consequências económicas e sociais nos locais de produção geograficamente fragmentados. A Organização Mundial de Comércio (OMC), refere que o comércio internacional aumentou de tal forma que, podemos considerar uma terceira fase da globalização, a Hiper globalização (2013). Esta indica uma nova fase de fragmentação geográfica da produção e de dissociação de funções produtivas no globo. Uma vez que os intensivos fluxos comerciais se inserem nas cadeias de valor internacionais que organizam a produção em lugares distintos do mundo. A produção de bens preocupa-se apenas com os benefícios fiscais, ambientais e com o custo produção (baixos salários). Por exemplo, a montagem e fabricação de

produtos, realiza-se na Ásia, na América Latina, na África e no Médio Oriente. Enquanto as empresas transnacionais (as multinacionais) são as principais matrizes desta nova organização de produção, e se situam no centro, *i.e.*, situam-se nos países desenvolvidos e onde há a concentração de capital.

O objetivo deste artigo é relacionar as dinâmicas da globalização na sua terceira fase a Hiperglobalização, nas suas dimensões económica e social, com algumas das implicações que propagação da COVID-19 evidência nas periferias do sistema económico mundial.

A metodologia utilizada para este trabalho foi a pesquisa bibliográfica em alguns jornais internacionais e nacionais via Web, em artigos científicos e livros.

O trabalho está organizado da seguinte forma, no primeiro ponto deste artigo está uma aproximação da definição (noção) do conceito de Globalização. Seguindo-se a definição de Pandemia da COVID-19, e no ponto três a relação entre a Pandemia da COVID-19 e as consequências que esta acarreta para as populações da periferia do sistema económico capitalista global.

1- O conceito de Globalização

A definição (ou noção) de globalização varia de autor para autor. Uns acentuam o carácter dimensional do processo de globalização e, outros focam-se na dimensão económica, ligando por vezes o processo de globalização ao capitalismo e à ideologia neoliberal. Outros, consideram-na nas dimensões políticas ou culturais, ou como sendo, um processo conduzido pelos homens, enquanto motor civilizacional. No que se refere entender o capitalismo como modelo civilizacional, esta noção teve a inspiração nas teorias de Karl Marx, quando este conceptualizou o sistema capitalista de produção, e a

caracterização da sociedade daí decorrente. Esta teoria foi o veículo da globalização económica, que facilmente se difundiu pelo globo (Campos & Canavezes, 2007).

Em termos de dimensão social e de acordo com a Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização (2005), o termo globalização adquiriu numerosas conotações emocionais, como ser considerado um fenómeno com uma força irresistível que trará prosperidade económica a todos os habitantes do mundo.

Segundo David Held *et.al.* (1999), a globalização tem implícito a transposição das fronteiras, nas atividades económicas sociais e políticas, de tal forma que as decisões tomadas numa determinada região vão afetar todas as restantes regiões do mundo. Constitui uma força que está a remodelar as sociedades modernas e a ordem mundial, com rápidas mudanças sociais, políticas e económicas.

Para Jacques Adda (1997), o conceito de globalização, é o mesmo que falar em mundialização do sistema económico, da dominação que a economia tem sobre o espaço mundial. A mundialização consiste num processo de contornar, e de desmantelar as fronteiras físicas e regulares que constituíam um obstáculo à acumulação de capital à escala mundial.

Numa outra definição de Mário Mouteira (2003), a globalização é um processo que conduz ao condicionamento crescente das políticas económicas nacionais pelas esferas megaeconómicas, e ao mesmo tempo as relações de interdependência intensificam-se.

Pode dizer-se que a globalização é um processo que acontece à escala mundial e é transversal a todos os Estados – Nação. Com a qual cresce a interligação e a interdependência, económica, social e política, entre os Estados, as

organizações, e os indivíduos. Os eventos e decisões que acontecem numa região afeta todas as outras regiões do mundo. As tecnologias facilitam a mobilidade e a comunicação, e a geração de relações económicas que se desvinculam das contingências do espaço, dando lugar à desterritorialização.

O fenómeno da globalização suscita concomitantemente críticas e elogios. A globalização tem uma história e insere-se na trajetória do capitalismo e da economia de mercado (Campos & Canavezes, 2007).

A globalização tem várias faces, por um lado, foi graças à globalização que grande parte da população teve acesso ao conhecimento como nunca tinha acontecido, mas, por outro lado, a globalização aumentou as desigualdades, (Liberato, 2016) entre os países.

Os países que recorrem à ajuda internacional, são os `ditos` mais pobres. Na resposta aos pedidos de ajuda, o Fundo Monetário Internacional (FMI) de imediato impõe regras de privatização, alegando que, o Estado gere as empresas de modo incipiente. É também imposta a liberalização, mas tanto a liberalização como a privatização geram desemprego (Liberato, 2016). As recomendações do FMI são claras, deve-se eliminar a intervenção do Estado, baixar impostos, e convidar empresários estrangeiros a investir, para a criação de emprego. Mas os reflexos a que temos assistido comprovam o contrário destas recomendações. Assistindo-se ao emprego precário, e ao aumento das desigualdades e da pobreza.

A liberalização do comércio internacional, contribui para o acelerar da globalização, e para uma crescente relação de interdependência entre centro e periferia. Contribui também para internacionalização da produção de bens e serviços. Desde a revolução industrial

que a organização da produção vai sendo dividida em tarefas, de modo obter o máximo lucro. O taylorismo foi muito influente em termos de divisão do trabalho em tarefas, e as lógicas de organização persistem. E o fordismo influenciou o sistema de reprodução capitalista com a linhas de montagem (por exemplo as linhas de montagem dos automóveis).

A Organização Mundial de Comércio (OMC), refere que o aumento de comércio internacional cresce de tal forma que, estamos na terceira fase da globalização, a Hiperglobalização (2013). A Hiperglobalização indica uma nova fase de fragmentação geográfica da produção e de dissociação de funções produtivas no globo. Os densos e intensivos fluxos comerciais inserem-se nas cadeias de valor internacionais que organizam a produção em lugares distintos do mundo (as periferias). A produção de bens nas periferias do sistema global, preocupa-se apenas com os benefícios fiscais, ambientais e com o custo produção (baixos salários). Alguns locais dessas periferias situam-se na Ásia, América Latina, África e Médio Oriente. E as empresas transnacionais (multinacionais) são as principais matrizes desta nova organização de produção (Arvind & Martin, 2013).

Os países onde a produção encontra baixos salários e benéficos fiscais e ambientais, constituem as periferias da Hiperglobalização. Enquanto no centro deste sistema socioeconómico capitalista, se concentra a produção intensiva de capital e de trabalho de valor acrescentado.

1.1- Os espaços opacos e os espaços luminosos no mundo globalizado

De acordo com Milton dos Santos “O espaço se globaliza, mas não é

mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares” (Santos, 1994: 31).

Os espaços opacos correspondem aos espaços pobres, aos locais onde não existem (ou são incipientes) equipamentos públicos de saúde, de saneamento de escolas entre outros, e, os espaços luminosos são territórios onde existem estruturas públicas (Santos, 1996).

Os espaços opacos são os lugares onde impera a pobreza e a escassez de recursos públicos e básicos de saúde. O desenvolvimento é desigual, grande parte da população é excluída dos avanços técnicos e científicos da sociedade dita desenvolvida.

Pode dizer-se que as periferias do sistema capitalista, referidas no ponto 1 deste trabalho, correspondem aos espaços opacos. E os de produção intensiva de capital e de trabalho de valor acrescentado, correspondem aos espaços luminosos.

E que apesar de a disseminação da COVID-19 se ter estendido a todas as áreas do globo, as áreas periféricas, foram duplamente atingidas. Pois, foram as primeiras a evidenciar a precariedade no trabalho, assim como, a evidenciar a falta de sistemas de proteção na saúde.

A extensão da COVID-19 é mundial, mas as implicações e consequências, são mais acentuadas nos espaços opacos.

2- O conceito de Pandemia da COVID-19

O conceito de Pandemia é de acordo com a Organização Mundial da Saúde (O.M.S.) a disseminação mundial de uma doença. No caso do vírus da gripe emerge e espalha-se pelo mundo, em pessoas sem imunidade. Embora estas pandemias de *influenza* pareçam semelhantes à de uma

gripe comum, a pandemia ao afetar um número maior de pessoas de todas as idades tem impactes e gravidade superior em termos de número total de casos graves (2020).

No século XXI ocorreram quatro pandemias: (i) a SARS Coronavírus em 2002; (ii) a gripe aviária em 2009, que correspondeu a um novo vírus de Influenza A H1N1, detetado nos Estados Unidos da América, de origem suína; (iii) a MERS Coronavírus (com origem em morcegos e camelos) em 2012, (iiii) e o Ébola com origem em animais selvagens que atingiu o pico em 2013-14. O aumento de surtos de pandemia desde o ano de 2000, acredita-se que está relacionado com os fatores de mudança global (Greger, 2007; Wu *et al.*, 2017; Howard, 2020), tais como a globalização e o número crescente de movimentos da população.

Atualmente a pandemia, ainda em curso, do novo coronavírus, a COVID-19, é a principal crise de saúde global e tem-se assumido no ano de 2020 como um dos maiores desafios que a sociedade contemporânea enfrenta desde a Segunda Guerra Mundial. A COVID-19 tem um potencial para causar relevantes crises sociais, económicas e políticas, que deixarão marcas profundas na Humanidade (U.N.D.P., 2020).

Segundo a W.H.O (2021), a situação global de casos confirmados é de 90,335,008. Distribuindo-se pela América com 39,835,210, na Europa com 29,510,450, no Sudeste asiático com 12,338,995, no Mediterrâneo Oriental com 5, 222,466, pela África com 2, 210,137 e no pacífico ocidental com 1.217,005.

3- As implicações da Pandemia da COVID-19 nas periferias da globalização

Teve início em 2019 a Pandemia da COVID-19, as suas repercussões e

medidas profiláticas paralisaram o sistema económico e a vida das pessoas. E expôs a fragilidade do sistema capitalista. Os setores produtivos e as relações sociais e económicas estão constantemente a arranjar-se e a rearranjar-se (Rodrigues *et.al.*, 2020).

O isolamento social fez com que perdêssemos a liberdade e em muitos casos os salários. Nos espaços luminosos, também designados por Santos (1996) como técnico-científicos, onde se desenvolve a produção científica de valor acrescentado é possível, dar continuidade ao trabalho, através do teletrabalho, mas nos locais de produção geograficamente fragmentada e de baixo valor o mesmo não é possível. O teletrabalho apenas tem a possibilidade de expansão em economias que no sistema global se encontram centralizadas.

Em termos sociais, as diferenças também se evidenciam, na medida em que nas economias mais avançadas os trabalhadores têm boas redes de segurança social e o acesso a estruturas públicas de saúde. O mesmo não sucede para os países da periferia global (os dos espaços opacos), estes perante uma situação de crise como a da COVID-19, são os primeiros a mostrar a fragilidades instauradas nos seus sistemas de saúde e económico.

As reduções de produção de bens devido ao confinamento repercutiram-se nas economias dos países mais pobres. De tal forma que, segundo, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) entre 42-66 milhões de crianças podem ser, absorvidas, pela miséria extrema devido à COVID-19 (2020).

Os trabalhadores que produzem as nossas camisas, bonecas “barbie”, os nossos computadores e outros, ao serviço de grandes cadeias produtivas, sobretudo localizados nas periferias do sistema

capitalista, são os primeiros a sofrer as consequências do confinamento social.

A Pandemia da COVID-19 promove um impacto forte sobre o mercado de trabalho com o aumento do desemprego, sobretudo do emprego precário e afeta os trabalhadores informais. A projeção do Banco Mundial (BM) revela que este ano a taxa de desemprego em países como a América Latina e o Chile subiu para 33% em relação a 2019 (Farol da Bahia, 2020).

A África Subsaariana terá uma recessão brutal de entre -2,1 e -5,1%. A pandemia teve fortes impactos nos trabalhadores formais e informais, em locais como a África subsaariana. Os trabalhadores apresentavam já antes da pandemia graves problemas provenientes da desorganização (exploração) dos circuitos produtivos e logísticos mundiais e pela queda do preço de matérias-primas (Monié, 2020).

A crise afeta e testa os limites e capacidades de resiliência das sociedades, na África subsaariana o impacto da COVID-19 é preocupante, uma vez, que, a sua economia e sociedade assentam numa baixa capilaridade espacial de sistemas de saúde, mas uma elevada precariedade económica (Monié, 2020) e social. Os grupos que mais sofrem com os impactos do coronavírus, são as populações dos países pobres, os refugiados, os deslocados e as vítimas de perseguição e de conflitos.

David Harvey (2020), refere que os quarenta anos de neoliberalismo na América do Norte e do Sul, deixaram o público totalmente exposto e mal preparado para enfrentar uma pandemia como a da COVID-19.

No pós-coronavírus, intensificar-se-ão no continente africano as dinâmicas predatórias de extração intensiva de energia, de vendas de terras, de destruição das florestas e de pulverização agrícola. Mas a circulação de africanos

será cada vez mais controlada e restringida (Monié, 2020).

Conclusões

A pandemia da COVID-19 comprovou que é nas periferias (espaços opacos) do sistema capitalista que as assimetrias existentes, no mundo globalizado, se acentuam ainda mais. A perversidade que a globalização conferia às periferias da Hiperglobalização foi agravada pela propagação do vírus SARS-CoV-2. As populações das periferias, constituem no sistema capitalista, o primeiro alvo do desemprego e da falta de remuneração. E em termos da doença, os que menos têm acesso a cuidados de saúde básicos, pela falta de estruturas públicas de saúde.

Todos estamos em situação altíssimo risco de contaminação. Porém, os mais vulneráveis à pandemia, ao desemprego e à falta de assistência na saúde, incluindo o acesso a hospitais e tratamentos de saúde, são as populações das periferias, estas são, portanto, na nossa perspectiva concomitantemente alvos da Hiperglobalização, e da Pandemia da COVID-19. Porque, no contexto pandémico são as que menos dispõem de serviços de saúde, e as que mais sofrem os efeitos económicos da pandemia, nomeadamente de desemprego e de falta de remuneração. A relação que existe entre estes dois fatores é que a globalização impera nestes locais como forma de dominação mantendo e agudizando, nestes locais a pobreza, e o acesso a serviços básicos como a saúde. E numa situação de propagação mundial do vírus, ocorre uma diferença entre os espaços opacos (periferias) e os espaços luminosos (centro de acumulação de capital e de trabalho com valor acrescentado), quer em termos de trabalho e emprego, quer em termos de acesso a serviços básicos, como o acesso

à saúde. Nos espaços centrais e de produção de trabalho de valor acrescentado a maioria da população mantém os empregos através do teletrabalho, e tem acesso a serviços de saúde e de proteção social. Enquanto nas periferias e de baixo valor no trabalho, o confinamento profilático significa, falta de trabalho e, portanto, falta de remuneração. Estes espaços são também afetados pela incipiente capilaridade espacial de sistemas de saúde.

Nos Espaços periféricos, as implicações da hiperglobalização e da propagação do vírus, tem efeitos diferentes, em relação aos espaços centrais, uma vez que, na nossa perspectiva as periferias se encontram duplamente vulneráveis à pobreza e à doença da COVID-19.

Referências Bibliográficas

- ADDA, J. (1997). A Mundialização da Economia: Problemas, Lisboa, Terramar Editores.
- ARVIND, S.; MARTIN K. (2013). The Hyperglobalization of Trade and Its Future, Peterson Institute for International Economics, Disponível em: (<http://www.iie.com/publications/interstitial.cfm?ResearchID=2443>) [consulta a 20dezembro2020]
- CAMPOS, L & CANAVEZES, S. (2007). Introdução à globalização. Instituto Bento Jesus Caraça. Departamento de Formação da CGTP-IN. Disponível em: (<https://pt.scribd.com/document/281782024/Introducao-a-Globalizacao-pdf>). [Consulta a 11 janeiro 2021].
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE A DIMENSÃO SOCIAL DA GLOBALIZAÇÃO (2005). Por uma Globalização Justa: Criar Oportunidades para Todos, Oeiras, Celta Editora.

GREGER, M. (2007). The human/animal interface: Emergence and resurgence of zoonotic infectious diseases. *Critical Reviews in Microbiology*, 33(4), 243-299. <https://doi.org/10.1080/10408410701647594>.

HARVEY, David. (2020). Política anticapitalista em tempos de coronavírus. Tradução de Cauê Seigner Ameni. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/03/politica-anticapitalista-em-tempos-de-coronavirus/> [consulta a 12 janeiro de 2021].

HELD, D., McGREW, A. (et. al) (1999), *Global Transformations: Politics, Economics and Culture*, Cambridge, Polity Press.

HOWARD, J., (2020). What is a pandemic?. *CNN Health*. Acedido 07 junho de 2020, disponível em <https://edition.cnn.com/2020/02/25/health/what-is-a-pandemic-explainer/index.html> [consulta a 10 janeiro 2021].

FAROL DA BAHIA, (2021). Levantamento Da OIT Emite Alerta Para Impactos Da Pandemia No Mercado de Trabalho - Economia _ Farol Da Bahia, 2021), disponível em <https://www.faroldabahia.com/noticia/levantamento-da-oit-emite-alerta-para-impactos-da-pandemia-no-mercado-de-trabalho> [consulta a 12 janeiro de 2021].

LIBERATO, E. (2016). Globalização: A grande desilusão, de Joseph Stiglitz. Uma obra que responsabiliza o Consen. *Mulemba*, 6 (6 (12)), 337–350.[online], disponível em: <https://doi.org/10.4000/mulemba.1211> [consulta a 03janeiro 2021].

MONIÉ, F. (2020). A África subsaariana diante da pandemia de Coronavírus/COVID-19: difusão espacial, impactos e desafios. *Espaço e Economia*, disponível em <http://journals.openedition.org/espacoec>

onomia/13629; DOI: <https://doi.org/10.4000/espacoecomia.13629> [consulta a 14 janeiro 2021].

MURTEIRA, M. (2003). *Globalização, pela invenção dum tempo global e solidário*, Lisboa, Quimera.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (OMC), Relatório sobre o comércio mundial 2013. Fatores determinam o porvir do comércio mundial, disponível em : http://www.wto.org/french/res_f/publications_f/wtr13_f.htm [consulta a 12 janeiro2021].

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). (2005). *Human Development: 2005*, Organização das Nações Unidas, Nova York.

RODRIGUES, A. L. T., LANDIM, G. de P. B., & SANTOS, J. C. D. (2020). Dossiê Coronavírus: A pandemia da globalização ou globalização da pandemia? Impactos espaciais da crise sanitária no sistema capitalista. *Dossier Coronavírus: La pandémie de mondialisation ou la mondialisation pandémique? Impacts spatiaux de la crise sanita*. *Espaço e Economia*, 20, 0–13, disponível em: <https://doi.org/10.4000/espacoecomia.18217>. [Consulta a 11 de janeiro de 2021].

SANTOS, M. (1994). *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC.

SANTOS, M. (1996). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*/Milton Santos. 4. ed. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. -(Coleção Milton Santos; 1) ISBN 85-314-0713-3

UNITED NATIONS
DEVELOPMENT PROGRAMME
[UNDP] (2020). COVID-19 pandemic
Humanity needs leadership and solidarity
to defeat the coronavirus. Consulta a 11
junho de 2020, disponível em: .
<https://www.undp.org/content/undp/en/home/coronavirus.html> [consulta a 14
janeiro2021].

WORLD HEALTH
ORGANIZATION [W.H.O.] (2021).
Coronavirus Disease (COVID-19)
pandemic, disponível em:
<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. [consulta a
02janeiro 2021].

WU, T., PERRINGS, C., KINZIG,
A., COLLINS, J. P., MINTEER, B. A., &
DASZAK, P. (2017). Economic growth,
urbanization, globalization, and the risks
of emerging infectious diseases in China:
a review. *Ambio*, 46 (1), 18-29, disponível
em:
<https://link.springer.com/article/10.1007/s13280-016-0809-2> [consulta a 5 janeiro de
2021].